

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Shayanne Camila Magalhães

UM OLHAR MARXISTA SOBRE A SITUAÇÃO DO NEGRO BRASILEIRO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, SHAYANNE CAMILA MAGALHÃES, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172070A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UM OLHAR MARXISTA SOBRE A SITUAÇÃO DO NEGRO BRASILEIRO**, desenvolvido durante o período de 16/09/2023 a 27/11/2023 sob a orientação de LEONARDO SILVA ANDRADA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 14 de dezembro de 2023.

SHAYANNE CAMILA MAGALHÃES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

UM OLHAR MARXISTA SOBRE A SITUAÇÃO DO NEGRO BRASILEIRO

Shyanne Camila Magalhães¹

RESUMO

O negro sempre teve uma importante presença na sociedade brasileira, mas pouco se fala sobre isso e pouco se analisa sobre sua sociologia sem ser em uma perspectiva branca. Sua situação de inferioridade na sociedade não é atual; ela é antiga e enraizada. A escravidão deu início a toda uma história de resistência de um povo que luta constantemente pela sua permanência na sociedade, luta por reconhecimento, luta para preservar sua cultura e sua história. Existem camadas que explicam perfeitamente esse problema social vivido por eles. Entender como se deu esse processo de inferiorização e o motivo dele é algo essencial para compreender o problema do capitalismo moderno. Analisamos, através do olhar marxista de dois grandes autores, a sociologia e a história presente do negro desde a sua chegada ao Brasil até a nossa atualidade. Ambos os autores colocam o negro como principal objeto de estudo, quebrando um grande padrão da sociologia clássica de interpretar a história através de agentes dominantes. Esperamos atingir resultados que expliquem como o Brasil, mesmo sendo um país marcado pela miscigenação, continua sendo um dos principais países a matar negros e a encarcerá-los em um número elevado, além de entendermos como o capitalismo se liga ao problema do negro.

PALAVRAS-CHAVE: Negro. Escravidão. Sociologia. Marxismo.

1. INTRODUÇÃO

O negro contribuiu enormemente para a construção do Brasil e da história do país, por mais que essa contribuição tenha sido essencial, o pensamento social brasileiro negro ocupa uma posição marginal na sociologia. Pouco se estuda sobre os pensadores negros e pouco se busca destrinchar em relação aos estudos feitos por eles.

Clóvis Moura, que será um dos autores principais desse trabalho, insistia em discutir o racismo e o problema do negro brasileiro a partir das suas formas de rebeldia, tornando-o agente de sua história. É comum associar à imagem do negro a uma vítima passiva do racismo atual e do histórico racista da sociedade brasileira. Ao colocar o negro como agente da sua história, Moura contribuiu para a construção da sociologia do negro no Brasil, o que ajuda na compreensão da própria história brasileira. Ainda na apresentação do livro "Sociologia do negro brasileiro" (2019, p. 7-8), Dennis de Oliveira diz: "Deslocando a negritude para uma perspectiva marxiana, ele (Clóvis Moura) a coloca como uma categoria sociológica para além das marcas e estigmas constituídos pela diferenciação dada pelas classes dominantes, sem reduzi-la a uma visão meramente culturológica."

A história dos negros contada nos livros de história e narrada por autores e pensadores como Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, entre outros, não condiz em nada com o que os negros passaram e passam na sociedade brasileira. Há uma barreira entre a realidade desses homens brancos e a realidade dos negros durante os anos desde a chegada dos negros escravizados até depois da abolição. Assim, Clóvis Moura diz:

A sociologia do negro é, por essas razões, mesmo quando escrita por alguns autores negros, uma sociologia branca. E quando escrevemos branca, não queremos dizer que o autor é negro, branco, mulato, mas queremos expressar que há subjacente um conjunto conceitual branco aplicado sobre a realidade do negro brasileiro, como se ele fosse apenas objeto de estudo e não sujeito dinâmico de um problema dos mais importantes para o reajustamento estrutural da sociedade brasileira. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 26)

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Leonardo Silva Andrada

Então, se essa realidade é diferente, por que a nossa sociologia continua sendo contada e interpretada por brancos?

Para Lélia Gonzalez não é diferente a situação do negro, mas seu foco é a mulher negra brasileira. Para a autora, durante o período que se deu a abolição, a mulher teve que servir na posição de 'viga mestra' de sua comunidade. Todo o seu trabalho foi duplicado, servia no trabalho de mãe dona de casa, de doméstica, de cuidadora. Ela ainda evidencia uma forma de 'revanchismo' expressado em diversos movimentos feministas que julgam que o discurso da mulher negra se tornou um discurso 'vitimista' ou um discurso de cobrança. Destaco uma citação da autora retirada do livro 'Por um feminismo afro latino-americano' (2020, p. 35): "Outro tipo de resposta que também denota os efeitos do racismo cultural, de um lado, e do revanchismo, de outro, é o que considera a nossa fala como sendo 'emocional'".

Tendo conhecimento de toda a carga de estudos de Lélia Gonzalez e de Clóvis Moura, pode-se finalmente manifestar os motivos de trazer esses dois grandes intelectuais para discutir a perspectiva marxista da situação do negro brasileiro. Ambos os autores trabalharam essa sociologia de forma acessível e coerente, tentando ao máximo introduzir cada movimento do negro na história brasileira. Eles introduziram o negro como agente da história, não como ser inferior com uma história desprendida do resto da sociedade.

2. UMA BREVE RETOMADA À HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO BRASILEIRA

No dia 13 de maio deste ano completaram-se 134 anos da abolição da escravidão negra no território brasileiro. O tráfico de pessoas escravizadas teve início no começo do século XVI, e supõe-se que cerca de 11 milhões de negros africanos foram sequestrados e trazidos à força para o Brasil para executar trabalhos nas grandes fazendas. A situação do transporte dos negros nos navios negreiros era insalubre; muitos se matavam no caminho, atirando-se ao mar para evitar o destino da escravidão. Eles eram acorrentados em porões, mal conseguiam se mover, não comiam por dias e se encontravam em uma situação animalésca. No poema mais famoso de Castro Alves, ele descreve as condições do navio em que transportava os negros, que logo passou a ser chamado de Tumbeiro, devido ao grande número de mortos no caminho. Aqui está uma passagem do poema:

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ânsia e mágoa vãs! (ALVES, Castro, 2019, p. 10)

Chegando ao Brasil, eles tinham seus nomes modificados, e sua cultura era reprimida.. Para o sociólogo Clóvis Moura, o tráfico de escravos contribuiu enormemente para o capitalismo. Segundo Clóvis Moura, a escravidão serviu para estruturar uma sociedade de classes, como ele cita em seu livro *Rebeliões da Senzala*.

O estabelecimento da escravidão sistemática veio subverter em suas bases o regime de trabalho até então dominante na sociedade brasileira. Essa transformação se processou em todas as formas de manifestações da vida social. Demograficamente, aumentou em ritmo acelerado e ininterrupto a população da Colônia; do ponto de vista sociológico, dividiu a sociedade colonial em duas classes fundamentais e antagônicas: uma constituída pelos senhores de escravos, ligados economicamente, em face do monopólio comercial à metrópole, outra constituída pela massa escrava, inteiramente despojada de bens materiais, que formava a maioria da população do Brasil Colônia e era quem produzia toda a riqueza social que circulava por seus poros. (MOURA, Clóvis, 1981, p.30)

O negro escravizado já não tinha mais liberdade e dignidade; seus senhores tinham o direito de puni-los da forma que achassem melhor. Sendo assim, eles deixaram de ser pessoas e passaram a ser tratados como objetos, mercadorias ou animais. É o começo de uma jornada infinita por liberdade e igualdade.

2.1. SITUAÇÃO DO NEGRO SOB O OLHAR DE CLÓVIS MOURA E LÉLIA GONZALEZ

Clóvis Moura foi um sociólogo comunista que dedicou sua vida a estudar a situação do negro na sociedade. Para Clóvis Moura, o racismo é uma parte concisa que compõe o sistema capitalista, é com essa ideia que ele busca analisar, através de suas obras, a situação do negro na sociedade. Lélia Gonzalez foi uma intelectual, escritora, militante negra e feminista que usou da sua visão marxista para interpretar a posição do negro, em especial da mulher negra, na sociedade. Através das obras desses dois grandes pensadores e estudiosos, poderemos entender e interpretar a influência marxista nos negros e negras. Assim, analisaremos a visão dos dois usando suas obras.

Não é exagero afirmar que o marxismo nos empresta uma lente mais crítica e concisa sobre o racismo. Através dele, conseguimos enxergar de forma científica a construção da sociedade escravista até a sociedade abolicionista que segregava os negros, atribuindo-lhes adjetivos discriminatórios. A história da escravidão foi por anos analisada pela ótica do branco dominante, seus estudos muitas vezes não foram capazes de compreender a realidade do negro na sociedade, por isso Clóvis Moura inicia seu livro *"A Sociologia do Negro Brasileiro"* abordando o problema da "sociologia branca". O autor crê que a sociologia sofre de uma alienação por ser, durante anos, escrita por homens brancos que não possuem a mínima perspectiva do que é a existência negra na história. Muitos tendem a separar a luta pela emancipação negra da luta do operariado, ou, cometendo um erro gritante, tendem a igualá-las sem tentar estudar e integrar a verdadeira luta negra por seus direitos e emancipação à história das lutas da humanidade.

A "sociologia branca" tende a não reconhecer que o racismo, o problema do homem negro, está diretamente e fundamentalmente ligado ao problema do trabalhador branco, a escravidão é como uma base para o capitalismo e a constituição de classes antagônicas. Os chamados preconceitos acadêmicos podem comprometer estudos sobre o escravismo e suas marcas na sociedade.

Há em seu livro uma seção intitulada "Repete-se na literatura a imagem estereotipada do pensamento social". Nessa seção, Clóvis Moura dedica-se a criticar a visão alienada da literatura antropológica, histórica e sociológica e suas raízes na estrutura escravista até a estrutura atual, a capitalista. Para ele, nenhum negro será considerado uma figura a ser "idolatrada", mesmo com o tempo passando, no imaginário literário, os valores da sociedade branca se sobressaem a qualquer outro. A sua beleza ainda será a mais valorizada, e seus heróis ainda serão as principais personas na história. Aliás, não há heróis negros na história que conseguissem ter alcances iguais aos dos brancos. O início da literatura brasileira anulou a existência do negro em suas mais variadas formas. Um grande exemplo é a exaltação do homem branco como padrão, e quando não existia a exaltação do mesmo, veio o movimento romancista idealizar e amansar a imagem do indígena. Livros clássicos como "Iracema", "O Guarani", e "Ubirajara" (José de Alencar), entre outros, tentam retratar o indígena como um herói de coração puro, com motivações inocentes, enquanto obras assim idealizavam homens brancos e indígenas, o negro era deixado de lado ou era tratado, de acordo com as palavras de Clóvis Moura, como "exótico-bestial". Essa estratégia de criar uma dualidade entre negros e indígenas veio para que houvesse uma "explicação plausível" e perceptível para inferiorizar o negro.

Clóvis Moura vai trabalhar os conceitos de Sincretismo, Assimilação, Acomodação, Aculturação e Luta de Classes, para ele são tratados de forma insuficiente por antropólogos brasileiros que se limitam a interpretá-los baseando-se em visões do homem branco sobre cada um dos termos. Esses termos estão estritamente ligados à relação entre negros e brancos. Algo internamente ligado a esses termos é a pluralidade, ou como é dito no livro, polietnicidade, que são os fenômenos culturais que são caracterizados pela proximidade social e interação mútua de pessoas de diferentes origens étnicas dentro de um país ou região². O sincretismo brasileiro moldou nosso caráter pluriétnico, mas mesmo em um país marcado pelo sincretismo e miscigenação, quem continua a comandar é a classe dominante, citando uma frase do Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels (2008, p. 42) "As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante". Por isso, para o autor, é mais que correto afirmar que os antropólogos e cientistas sociais tendem a enxergar os

² Explicação retirada do site <https://hmn.wiki/pt/Polyethnicity>

fatos históricos e estudá-los de forma que as ideias dominantes se sobressaíam. Não é por outro motivo que escritores como Gilberto Freyre defendiam o mito da democracia racial, que é muitas vezes citado por Clóvis Moura. Há de se destacar um problema do sincretismo religioso, de um lado tentam criar uma imagem limpa do cristianismo como se fosse a única religião da salvação, do outro lado tenta demonizar as religiões de matriz africanas, a tratando como cultos ao diabo. Uma superior, a outra inferior. Uma das estratégias para inferiorizar o negro seria diminuir suas crenças, torná-las algo bestial, repugnante, que fosse contra as ideias católicas que visavam salvar o ser humano do pecado. Clóvis Moura cita:

Os negros, membros de uma religião fetichista, por incapacidade mental, 'não tinham condições de assimilar, em curto prazo, os delicados conceitos do Cristianismo,' o que somente se verificaria (após um período de acomodação) através da ausência crescente do cristianismo (religião superior) nos xangôs do Recife. (MOURA, Clóvis, 2019, p.56-57)

É através da diminuição do negro como ser humano que se dá sua exploração, pois se ele não consegue, por falta de capacidade mental, assimilar a grandeza das religiões dos brancos (religiões cristãs), então ele não é considerado um ser humano ao nível de um branco. Para tentar alcançar os padrões do branco, alguns negros largaram sua cultura e suas crenças, foram, ao olhar do colonizador e dono de escravos, se domesticando. A antropologia é regida pelas ideias da dominação, por isso Clóvis Moura se pergunta (2020, p. 58) "Cabe, portanto, agora, um momento de reflexão: até que ponto os antropólogos brasileiros, ou principalmente aqueles influenciados por um culturalismo colonizante, analisam e interpretam a influência dessas religiões a partir dos padrões da religião dominante?"

A assimilação viria como prática responsável por neutralizar a resistência cultural, social e política, Clóvis Moura (2020, p. 61) cita Amílcar Cabral

O valor da cultura como elemento de resistência ao domínio estrangeiro reside no fato de ela ser a manifestação vigorosa, no plano ideológico ou idealista, da realidade material e histórica da sociedade dominada ou a dominar. Fruto da história de um povo, a cultura determina simultaneamente a história pela influência positiva ou negativa que exerce sobre a evolução das relações entre o homem e o seu meio e entre os homens ou grupos humanos no seio de uma sociedade, assim como entre sociedades diferentes. (CABRAL, apud MOURA)

Assimilando essas religiões e culturas, o negro passa a ter sua cultura folclorizada, e sua religião passa a ser parte da religião cristã. Nesse exato momento, Moura adquire um caráter mais defensor das religiões afro-brasileiras, pois teme que o futuro delas seja a anexação profunda nas crenças cristãs. Aqui vai uma citação dele sobre o caso

O que não se pode aceitar, mesmo sem tomar nenhum partido religioso específico desta ou daquela religião – como é o nosso caso –, é ver as religiões afro-brasileiras consideradas como coisas exóticas, e, ao mesmo tempo, defender o reconhecimento do direito – aliás plenamente justificável – para outras religiões que vieram posteriormente, como o budismo do grupo japonês. Elas já se incorporaram aos padrões da nossa cultura, pelo menos, regionalmente, mas as religiões afro-brasileiras devem ser assimiladas pelos padrões do catolicismo. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 63)

Para Moura, essa assimilação é uma vigília constante sobre os negros, há um interesse por trás dessa prática, e ela não visa preservar a bagagem histórica e cultural do negro; ela visa preservar a religião do escravizador, que, sem tentar atacar qualquer religião, foi parte fundamental do processo de escravização. Outro conceito tratado é o de aculturação. Para Clóvis Moura, a aculturação serviu para moldar os negros ao molde dos brancos dominantes e sua cultura, essa aculturação acaba mudando a identidade cultural do negro. Essa prática de aculturação pode vir acompanhada da ideia de modificação da estrutura social do negro. Por

exemplo, se o negro se encaixar nos perfis de cultura branca, ele irá conseguir sair da classe inferior em que se encontra, elevando-se ao nível do branco ou perto dele. Mas essa é apenas mais uma ideia falsa para que o negro perca sua identidade. A aculturação não modifica em nada a situação econômica ou social, ela só dá mais força à cultura dominante. Clóvis Moura diz

Por questões de formação histórica, os descendentes dos africanos, os negros de um modo geral, em decorrência da sua situação inicial de escravos, ocupam as últimas camadas da nossa sociedade. Em consequência, a sua cultura é também considerada inferior e somente entra no processo de contato como sendo cultura primitiva exótica, assimétrica e perturbadora daquela unidade cultural almejada, que é exatamente a branca, ocidental e cristã. A aculturação, por isso, é aceita (permitida) porque cria espaços culturais neutros para que os negros não se unam 'ante a desgraça comum', como já dizia o Conde dos Arcos. Não é, portanto, um elemento de dinâmica social, mas um mecanismo usado pelas classes dominantes e os seus seguidores ideológicos para neutralizar a radicalização da população negra, de um lado, e, de outro, mostrar-nos internacionalmente como a maior democracia racial do mundo. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 69)

O autor discute muito o que seria o mito da democracia racial e seus efeitos na sociedade brasileira. Para ele, o que firmou esse mito é a teoria de que a miscigenação criou uma ideia de igualdade racial, que os "portugueses, por razões culturais ou mesmo biológicas, têm predisposição pelo relacionamento sexual com etnias exóticas". Essa predisposição seria suficiente para igualar social e economicamente o negro, criando uma democracia, pois, devido à predisposição pela preferência sexual por negros, haveria um olhar de igualdade sobre os negros também em direitos básicos como emprego, moradia e liberdade. No entanto, o cenário que vemos hoje é bem diferente, a matéria "Abandono paterno e o peso das mães solo" do site do partido dos trabalhadores³ cita que segundo o IBGE, cerca de 61% das mães solo no Brasil são negras (matéria de 2020), isso mostra o perfil histórico patriarcal racista de não assumir a responsabilidade de ter filhos de mulheres negras, mesmo o Brasil sendo um país marcado pela miscigenação e regido pelo mito de uma democracia racial, que, supostamente, enxerga todos igualmente, sem distinção de cor, devido à uma "predisposição" por pessoas negras. Essa vontade de defender a miscigenação e transformá-la em um elemento unificador de raças não passaria de um truque para mascarar as tentativas de tornar nula a identidade racial negra, criando a ideia de uma igualdade. Mas, na verdade, não passava de uma operação ideológica de dominação em que os negros não mais se reconheceriam como tal, e os poucos que lutassem por sua raça seriam estereotipados como cachaceiros, vagabundos, inferiores, preguiçosos, incapazes.

Assim, o negro que era utilizado como principal mão de obra no modelo escravista torna-se sem inteligência para executar tarefas que já realizava antes, com sua força sendo retirada de si. O negro não é nem mais considerado pelos seus antigos senhores. O capitalismo, que foi moldado com o tráfico de escravos, aparece agora para tirar qualquer oportunidade que o negro poderia ter, trazendo o branco, e no Brasil em primeiro plano, os imigrantes, como os mais capacitados para trabalhar. Clóvis Moura diz:

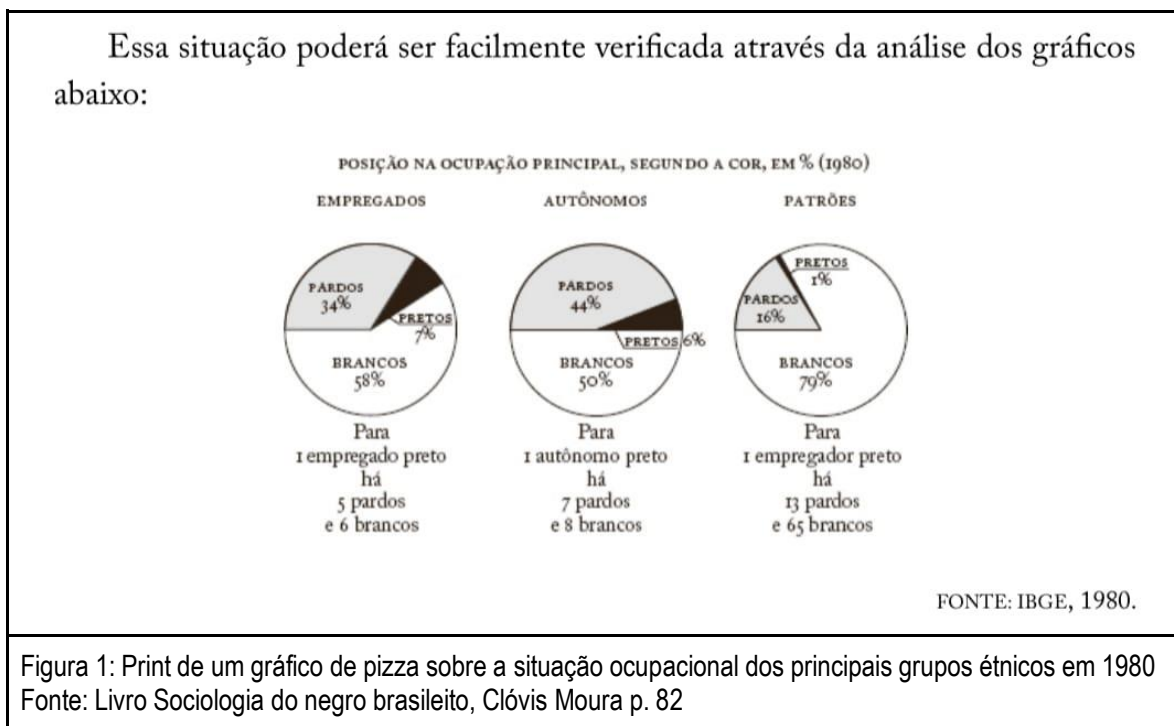
O preconceito de cor é assim dinamizado no contexto capitalista, os elementos não brancos passam a ser estereotipados como indolentes, cachaceiros, não persistentes no trabalho e, em contrapartida, por extensão, apresenta-se o trabalhador branco como o modelo do perseverante, honesto, de hábitos morigerados e tendências à poupança e à estabilidade no emprego. Elege-se o modelo branco como sendo o do trabalhador ideal e apela-se para uma política migratória sistemática e subvencionada, alegando-se a necessidade de se dinamizar a nossa economia através da importação de um trabalhador superior do ponto de vista racial e

³ Matéria extraída do site <https://www.google.com/amp/s/pt.org.br/abandono-paterno-e-o-peso-das-maes-solo/amp/>

cultural e capaz de suprir, com a sua mão de obra, às necessidades da sociedade brasileira em expansão. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 89)

2.2. O NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO

Ao mesmo tempo em que os negros eram reprimidos, a divisão de trabalhos entre eles e os brancos se tornava nítida. Como todo sistema que possui classes, haverá pessoas que irão adquirir os melhores trabalhos; nesse caso, eram os brancos. Todo trabalho com o teor intelectual e qualificado ficava para os brancos, enquanto os trabalhos que exigiam mais força e tempo eram empurrados para os negros, que, por estarem ainda mais excluídos da sociedade, eram obrigados a executá-los para ganhar o mínimo para sobrevivência. Houve, então, a solidificação de uma divisão por classes e outra por raças. Mesmo com tudo isso, voltamos com a ideia de uma democracia racial, pois, para os brancos, todas as oportunidades dadas aos imigrantes foram igualmente oferecidas aos negros. No entanto, Clóvis Moura apresenta um gráfico, anexado abaixo, que mostra a situação ocupacional dos principais grupos étnicos em 1980, provando que grupos de negros e não brancos ainda possuíam, como herança dessa segregação, posições inferiores às de pessoas brancas:



O gráfico mostra uma herança de subordinação por parte dos negros em relação aos brancos, tudo isso devido aos termos que trabalhamos anteriormente: sincretismo, acomodação e aculturação. A marginalização da cultura e identidade negra a tornou submissa a uma classe que domina. Há uma breve citação sobre como a população negra é tratada pelos órgãos de segurança, Clóvis Moura escancara o fato de a polícia já considerar o negro um indivíduo perigoso e tratá-lo em suas abordagens de forma truculenta, ele usa da expressão 'Negro se mata primeiro para depois saber se é criminoso'.

O próximo tópico abordado pelo autor é: 'O Brasil teria de ser branco e capitalista'. Como foi dito, Clóvis Moura aborda a questão do racismo com um olhar marxista. Aqui ele vai tratar de assuntos como a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, que é o marco da campanha pelo embranquecimento da população brasileira. É deveras interessante analisar pelo ponto de vista do autor como se deu esse processo de troca. Para ele, na visão dos brancos, o trabalho escravizado (dos negros) representava um atraso, algo animal, enquanto o trabalho do branco seria algo do futuro, algo pacífico. Então, a forma de tornar o país um lugar moderno seria substituir os negros pelos brancos.

Todo o racismo embutido na campanha abolicionista vem, então, à tona. Já não se trata mais de acabar com a escravidão, mas de enfatizar que os negros eram incapazes ou incapacitados para a nova etapa de desenvolvimento do país. Todos achavam que eles deviam ser substituídos pelo trabalhador branco, suas crenças deviam ser combatidas, pois não foram cristianizados suficientemente, enquanto o italiano, o alemão, o espanhol, o português, ou outras nacionalidades europeias, viriam trazer não apenas o seu trabalho, mas a cultura ocidental, ligada historicamente e socialmente às nossas tradições latinas. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 99)

Com esse empenho em acabar com qualquer possibilidade do negro de ingressar no mercado, começa o plano para introduzir os brancos imigrantes na sociedade brasileira. E assim cria-se a falsa ilusão de que os trabalhadores europeus eram superiores, por isso conseguiram se adequar ao trabalho assalariado. O capitalismo vem para expropriar o negro do pouco que ele tinha, dando condições favoráveis aos brancos vindos da Europa. Clóvis Moura cita um processo de investimento capitalista na vinda dos imigrantes ao Brasil.

Não houve aquele automatismo de aceitação decorrente da superioridade óbvia do imigrante. O que pretendia essa substituição do trabalhador nacional pelo alienígena era satisfazer uma teia de interesses que se conjugavam dentro de uma visão capitalista dessa transação, com capitais em jogo e interesses ideológicos e políticos que se completam. O governo imperial investe no imigrante porque ele não era mais um simples trabalhador, mas uma peça importante nos mecanismos que dinamizavam – via interesses de uma burguesia mercantil ativa e ávida de lucros – essa substituição. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 109)

Ao saberem que o governo estava investindo na mão de obra imigrante, os proprietários de fazenda optaram por trocar a mão de obra escrava pela europeia imigrante, era uma questão de estímulo governamental.

As elites dominantes, através de vários mecanismos protetores do imigrante e de medidas restritivas à compra interna de escravos, através do tráfico interprovincial, conseguiram, finalmente, que o imigrante fosse um trabalhador de aluguel mais barato do que a compra onerosa do escravo e, nesse universo de transação capitalista, o fazendeiro do café aceita o imigrante. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 110)

Em 1880, o trabalho livre já se manifesta como a substituição ideal do trabalho escravo. Com uma ressalva: que esse trabalhador livre devia ser branco e o negro deveria transformar-se em marginal. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 110)

O negro vagabundo, ocioso, foi perpetuado como forma de transformar o novo mercado de trabalho, agora com trabalhadores adequados que se esforçavam, não criavam revoltas ou eram inferiores intelectualmente. Sobre a inferiorização do negro, Clóvis Moura diz:

Como vimos nas páginas precedentes, a inferiorização do negro no nível de renda, no mercado de trabalho, na posição social e na educação são incontestáveis. Mas, como já dissemos também, essa situação deve-se, fundamentalmente, aos mecanismos de barragem que desde o Brasil-Colônia foram montados para colocá-lo em espaços sociais restritos e controláveis pelas classes dominantes. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 118)

Todas essas técnicas vieram para abrir as portas para um mercado de trabalho branco que limitasse ao máximo qualquer oportunidade do negro de transitar pelas classes sociais e econômicas. Clóvis Moura inicia um novo capítulo chamado O Negro Como Grupo Específico ou Diferenciado em uma Sociedade de Capitalismo Dependente, aqui ele abordará, segundo suas palavras, a situação do negro no aspecto organizacional e ao nível de convergência entre seus valores culturais e a função dos mesmos em uma sociedade de capitalismo dependente usando a dialética materialista. Para abordar o tema de grupos específicos e diferenciados, primeiro ele tratou dos conceitos da dialética materialista: classe em si e classe para si. Conceituando de forma mais simplificada, a classe em si seria a classe na sua esfera econômica, a classe como o principal motor econômico, seria ela reunida apenas diante do interesse econômico imediato. Classe para si seria o momento em que as classes desenvolveriam consciência do seu papel na sociedade de classes e, através dessa consciência, organizariam-se juntas para lutar pelos seus interesses enquanto classe. Elas buscariam a superação do capitalismo. Uma passagem do livro O manifesto do partido comunista explica bem como funciona a classe para si: 'Mas a burguesia não forjou apenas as armas que a levarão à morte; produziu também os homens que usarão essas armas: os trabalhadores modernos, os proletários.' (2008, p. 21). Clóvis Moura dá o conceito de classe em si e para si.

Essa dicotomização do conceito vem possibilitar a análise da classe desde a sua formação e emergência, quando ela é apenas objeto na estrutura social, até a fase mais plena da sua formação na sociedade, quando adquire consciência de que existe e somente em confronto e fricção com outras que se comprimem no espaço social pode reconhecer-se como específica, isto é, com objetivos próprios e independentes. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 125)

Clóvis Moura diz que no começo a classe é apenas um objeto na estrutura social, até que ela se afirma na sociedade e adquire consciência de si e seu papel, logo após ela entra em confronto com outras classes que se comprimem no espaço social, nesse momento ela pode se reconhecer como específica. Quando ela reconhece-se como específica, passa a criar valores próprios que a mantêm nesse status, criando, assim, uma ideologia dinamizada do ponto de vista da sociedade abrangente. Nesse nível, Moura diz:

Quando a classe chega a esse ponto, sua ideologia deverá ser tão globalizadora que refletirá os interesses gerais daqueles segmentos, camadas, grupos ou indivíduos que se encontram em um processo de desenvolvimento e se situam, da mesma forma que a classe que adquiriu consciência de si mesma, de um lado em consonância com o desenvolvimento das forças produtivas e, do outro, em antagonismo com as relações de produção existentes. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 125)

Essa classe que está em desenvolvimento vai criando sua própria ideologia abrangente, as outras classes ou grupos que se encontram nessa mesma posição de antagonismo em relação à infraestrutura também irão criar seus próprios valores. Assim, segundo o autor, se dá a origem dos grupos de resistência. Clóvis Moura fala que no Brasil, desde o início da escravidão, os africanos se organizaram para conseguir sobreviver e manter aquilo que lhes foi ensinado desde seu local de origem, seja a cultura ou outros aspectos próprios que tanto tentaram arrancar deles durante o período da escravidão, ou até depois da abolição. Porém, mesmo com os esforços de preservar sua humanidade sendo submetidos a situações tão desumanas, o negro escravizado era impossibilitado de adquirir consciência de sua situação social. De acordo com as palavras de Clóvis, "fato que o impossibilita (o negro) de formular uma ideologia capaz de desaliená-lo completamente". Daí se organizam os diversos grupos para reencontrar-se como ser. É com esse pensamento baseado em fatos que Clóvis Moura rebate o pensamento de Thomas E. Skidmore de que o comportamento dos escravizados brasileiros era mais dócil, que eles não organizaram grupos ou instituições paralelas que serviram para preservar a cultura do negro e ser fonte de resistência. Clóvis aponta que sim, o negro norte-americano teve um tipo de organização superior ao brasileiro, mas apontar que o escravizado brasileiro não se organizou é demonstrar uma grande falha no estudo da escravidão no Brasil. Para Clóvis Moura, as circunstâncias obrigaram o escravizado brasileiro a se organizar de forma mais "amena", ter um espírito associativo, caso

contrário, suas condições de vida seriam piores, e muitos libertos não teriam suportado o chamado traumatismo da escravidão. Clóvis diz: "Foram inúmeras as formas através das quais o negro se defendeu social, cultural e biologicamente, criando anteparos à brutalidade da escravidão e, depois, ao seu processo de marginalização que se seguiu à chamada Lei Áurea."

O negro brasileiro se organizou para preservar sua cultura, para ter momentos que amenizassem o peso da escravidão, ele resistiu da forma que pôde, muitas vezes considerada "amena", outras vezes aberta e radical, como a criação de quilombos. Mesmo os que não optavam por fugir acabavam criando pequenos grupos de resistência nas próprias senzalas. Clóvis Moura lista os principais grupos específicos durante a escravidão: a. de lazer; b. religiosos; c. sociais; d. econômicos; e. de resistência armada (militares); f. musicais; g. culturais; h. intercruzados. Esses grupos foram responsáveis pela resistência e força do negro escravizado, nesses lugares ele conseguia encontrar refúgio e, de certa forma, proteção contra os seus donos.

Chega-se à conclusão de que, em uma sociedade em que os interesses de uma classe dominante são defendidos acima de tudo já que é ela que detém todo o poder e capital, e que há tentativas de apagar toda a existência de um povo que se viu sendo sequestrado de seu local de origem, trazido dentro de navios que os colocavam em situações inumanas, vendidos como animais para trabalhar de forma obrigatória sob ameaças e torturas, que logo após a consolidação do capitalismo como sistema de produção e a substituição da escravidão se marginalizou por causa da criação de táticas da sociedade branca para que negros fossem extintos, somente através da organização de grupos e movimentos esse povo não sucumbiu, somente através de grupos de resistência sua cultura se manteve, mesmo que um pouco alterada, somente através da organização de grupos esse povo conservou seus valores e garantiu direitos para as gerações futuras. Foi através da religião que os negros conservaram sua integridade, o autor dá o exemplo do candomblé, onde o negro consegue se enquadrar em um status específico, diferente do que ele se encontra em uma sociedade de classes. Ainda hoje, mesmo com a grande integração de brancos nas religiões de matriz africanas, é correto dizer que a maior parte da ocupação de status maiores é feita por negros, exemplos: Pais ou Mães de Santos. Essa necessidade de resistência e autoafirmação veio como uma resposta às forças opressivas da classe branca dominante e racista.

Outro exemplo de grupo de resistência são as escolas de samba que ao longo dos anos foram perdendo suas características de grupo específico, elas acabaram ao longo dos anos englobando parte da cultura branca. Lélia Gonzalez, no seu compilado de textos Primavera para as rosas negras, a narradora fala que sua filha mais velha tinha dificuldades na escola e que a professora vivia reclamando da mesma, até recomendou que a levasse ao psicólogo, nisso a narradora fala que ela não canta as músicas passadas pela professora, talvez por preguiça, mas que era para pedir para ela cantar o samba do bloco do morro em que morava, que ela cantava direitinho. Aqui dá para perceber a construção de uma identidade. Muitas vezes a criança se vê deslocada da escola por causa da sua estrutura, o que Pierre Bourdieu chamou de 'A escola conservadora'. A escola acaba agindo de forma desigual entre as crianças, valorizando o capital cultural de quem veio da elite. As escolas de samba acabaram servindo como um instrumento de identificação cultural para os negros.

Era o morro, a marginalidade, a miséria periférica e não vista pelo centro deliberante durante todo o ano, que vinha ocupar a área branca decisória e a dominava simbolicamente, ocupava os seus espaços e impunha a sua presença. Todos aqueles que olhavam o negro do morro como desordeiro viam-no organizado; os que o tinham como analfabeto e ignorante ouviam e aceitavam os seus sambas-enredo. Finalmente, ele, através da organização que lhe custara sacrifício, dinheiro, tempo e paciência, dominava a metrópole. Por outro lado, as instituições ou órgãos que o oprimiam e/ou perseguiram no morro agora estavam ao seu serviço; a mesma polícia que prendia abria alas para que a escola desfilasse. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 164)

Ao perceber a força dessas escolas de samba, ao perceber que ali, naquele movimento que antes se baseava apenas no lazer, havia política, identificação, conservação de cultura e, acima de tudo, resistência, os brancos, que tinham os negros como seres bestiais que nunca chegariam ao nível deles, passaram a folclorizar e tornar apenas mais um objeto que compõe a cultura do branco as escolas de samba. A burguesia conseguiu, mais uma vez, se apropriar de algo que caracterizava e dava força aos negros.

Por outro lado, a sociedade branca sentiu essa potencialidade organizacional e cultural do negro através das escolas de samba, e, concomitantemente, a necessidade de transformá-las em complementos do carnaval oficial, tradicional, convencional, colocando-as como simples objetos dessa dinâmica; em última instância, folclorizando-as. Objetivando isso, iniciou um processo de corrupção através de formas sutis de institucionalização, fazendo-as, hoje em dia, simples atração turística para estrangeiros e a grande burguesia nativa, pois até a pequena burguesia e a massa operária dos subúrbios cariocas não têm mais condições de vê-las desfilar. (MOURA, Clóvis, 2019, p. 166)

Para concluir o pensamento de Clóvis Moura sobre o negro brasileiro, vamos falar sobre as lutas de operários e de escravos em linhas paralelas. O escravismo tardio marcou o momento em que escravizados e operários, novos motores do capitalismo que crescia, lutavam ao mesmo tempo por condições melhores de vida. De um lado, escravizados lutando contra o cativo, do outro, operários lutando contra seus patrões. Enquanto os escravizados lutavam contra a servidão obrigatória, fugindo dos cativos, formando grupos de resistência e quilombos, os trabalhadores livres, operários, faziam greves e reivindicavam melhores salários e condições de trabalho. O capitalismo foi se desenvolvendo com dois polos, o negro explorado e marginalizado e o operário explorado. Assim encerra-se o pensamento de Clóvis Moura baseando-se em seu livro A sociologia do negro brasileiro.

2.3. A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA

Lélia Gonzalez aborda a forma como a exploração sexual da mulher negra contribuiu com a ideia de uma 'Democracia racial'. Como já foi dito anteriormente por Clóvis Moura, as pessoas acreditavam que os portugueses teriam uma predisposição por preferir se envolver sexualmente com negros, mas para Lélia isso não passou de uma bruta violentação das mulheres negras. Aqui ela reafirma algo já dito por Clóvis Moura, que seria como a questão do mito da democracia racial criou uma ideia corrompida da sociedade sobre uma igualdade inexistente entre negros e brancos. Assim como o autor anterior, ela escreve que a miscigenação só veio para justificar essa desigualdade. 'O efeito maior do mito é a crença de que o racismo inexistente em nosso país graças ao processo de miscigenação.' (GONZALEZ, Lélia, 2018, p. 35)

Lélia vai falar sobre o lugar da mulher negra na força de trabalho. A autora fala sobre os três tipos de processos qualitativamente distintos de acumulação que coexistem no Brasil, levando em consideração a formação econômica: capital comercial, capital industrial e capital industrial monopolista. Ela diz que esse tipo de coexistência demonstra que esse desenvolvimento desigual e dependente mescla e integra momentos históricos diversos. É possível perceber, então, que há uma divisão racial e sexual do trabalho, se há essa divisão, é certo que as mulheres negras é a parcela da sociedade mais discriminada. Lélia dá o exemplo do censo de 1950 que ofereceu dados sobre educação e outros setores em relação à mulher negra, o que indicava era:

nível de educação muito baixo (a escolaridade atingindo, no máximo, o segundo ano primário ou o primeiro grau), sendo o analfabetismo o fator dominante. Quanto às atividades econômicas, apenas 10% trabalhavam na agricultura e/ou na indústria (sobretudo têxtil, e em termos de sudeste-sul); os 90% restantes, concentrados na área de prestação de serviços pessoais. (GONZALEZ, Lélia, 2018, p. 43)

Lélia González cita que do período de 1950 até o ano em que ela estava escrevendo, houve um desenvolvimento e uma modernização que ampliaram setores industriais e uma crescente urbanização. Isso gerou um grande fluxo de fechamentos de industriais têxteis, locais em que a mulher negra tinha mais oportunidades para se introduzir. Isso fez com que ela perdesse seu status de operária. Ela até tenta se introduzir em outras áreas, como indústria alimentícia e de roupas, mas essas também priorizavam a mulher

branca. Então, o setor burocrático abriu as portas para as mulheres. Eles feminizaram-se, mas foi algo que não envolveu todas as mulheres, pois exigiam um grau alto de escolaridade que grande parte das mulheres negras nunca pensariam em alcançar. Mesmo hoje ou durante o período de escrita do livro usado como base, ainda há essa seleção por cor. Muitas mulheres negras conseguiram ao longo dos anos atingir um grau de escolaridade para que assim fossem introduzidas no mercado de trabalho, mas há distinções. Alguns dizem que a mulher não possui as características procuradas; outros logo perguntam sobre a vida pessoal da mulher esperando encontrar algo que justifique a recusa na hora de selecionar. Um grande exemplo é o que aconteceu em 2018 com uma jovem chamada Yasmin, que foi à um programa na TV para relatar que não conseguia emprego por causa do volume do seu cabelo afro. Yasmin é uma mulher negra que não foi selecionada na entrevista de emprego porque seu cabelo não entrava nos padrões que a sociedade exige. Lélia Gonzalez explica perfeitamente a situação da mulher negra nessa passagem.

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto seu homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da 'inferioridade' que lhe seriam peculiares. É tudo isto acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas; de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos. Após 'adiantar' os serviços caseiros, dirige-se à casa da patroa, onde permanece durante todo o dia. E isto sem contar quando tem de acordar mais cedo (3 ou 4 horas da 'manhã') para enfrentar as filas dos postos de assistência médica pública, para tratar de algum filho doente; ou então, quando tem de ir às 'reuniões de pais' nas escolas públicas, a fim de ouvir as queixas das professoras quanto aos problemas 'psicológicos' de seus filhos, que apresentam um comportamento 'desajustado' que os torna 'dispersivos' ou incapazes de 'bom rendimento escolar.' (GONZALEZ, Lélia, 2018, p.. 44-45)

Lélia González aborda um tema bastante atual, o da mulher negra como doméstica ou como mulata, ser a mulata hoje em dia, para a autora, é quando a mulher negra está em um grau de alienação imposto pela sociedade e não se reconhece mais em si, passa a expor seu corpo com poucas roupas através do 'rebolado', para, segundo suas próprias palavras, 'deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional.' Elas tornam-se, sem ter consciência, objetos sexuais. Essas jovens imaginam que esse caminho as levará para fora da pobreza, para a ascensão, mas quase nunca isso acontece, às vezes podem encontrar alguém com quem se casam, mas na maioria das vezes elas apenas acabam sendo levadas ainda mais longe, no caso para a prostituição. Aqui ela aborda o entendimento da situação da mulher. Por isso, o feminismo 'branco' ou feminismo liberal brasileiro não consegue lutar pelas causas de todas as mulheres; ele não consegue lutar por algo que não está acostumado a passar. Lélia González ainda termina esse ponto abordando a forma como a mulher negra é excluída dos textos e discursos do movimento feminista brasileiro. Ela diz que, apesar do movimento tratar da opressão sexual e social do país, não dá a mínima importância para a opressão racial que as mulheres negras sofrem desde a escravidão. Assim como muitos sociólogos separam a questão da exploração capitalista da questão racial, feministas separam a questão racial da questão de opressão sexual.

Lélia Gonzalez trabalha o sexismo e o racismo, como um consegue se ligar ao outro na nossa sociedade. Para transcorrer esse assunto, ela trata sobre a imagem da mulata, da doméstica e da mãe preta. Mulata, nesse sentido, deixa de ser um caráter étnico e torna-se uma profissão da mulher negra.

A mulata é apreciada como símbolo sexual no carnaval, ela é a dona da beleza negra que vai em cima de um carro alegórico, ela se destaca. Aqui ela é objeto de desejo. A autora afirma que é nesse momento que o mito da democracia racial se atualiza, é nesse momento que ele vem com toda sua força. E é nesse momento que a mulher negra se transforma em rainha, ela é exaltada pelo samba, por seu corpo.

Essa é a face oculta da democracia, de um lado ela exalta a mulher negra durante os dias de carnaval, lhe dá o sonho de aparecer um uma capa de revista, lhe dá o sonho de ser desejada por homens loiros e estrangeiros, lhe dá o título de "Rainha com o samba no pé", mas, segundo a autora, do outro lado essa democracia causa uma violência simbólica, e isso piora quando essas mulheres assumem o papel de doméstica. O outro lado desse endeusamento pós carnaval é a exploração da empregada doméstica, é assim que devemos pensar que as atribuições de "mulata" e "doméstica" vêm dos mesmos agentes, moldadas pelas diferentes circunstâncias sociais. A autora constata, através da análise da época da escravidão, que a concepção da mulata e da empregada doméstica veio através da figura da "mucama". A mucama seria uma negra jovem que seria escolhida para auxiliar nos trabalhos domésticos e poderia até ser ama-de-leite. Devido ao fato de ser jovem, acabava atraindo o patrão e o mesmo acabava tendo relações sexuais com ela, mas era só algo sexual, pois era demais pensar em casamento com uma negra. Criou-se a imagem da negra que competia, junto da sua senhora, pela atenção do patrão.

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. (GONZALEZ, Lélia, 2018, p. 198)

Lélia Gonzalez ainda aborda o tema sobre como pessoas brancas tentam inferiorizar qualquer herança negra que alguém tem, os traços negros, a cultura, a cor, o cabelo. Se querem elogiar tentam aproximar ao máximo do padrão branco, destacando como pode ser negro se age de forma "branca". Tentam de todas as formas tornar o que é negro em uma possível ofensa ou algo para se envergonhar, tornam o ser negro em um ser inferior para poder afirmar sua superioridade.

Tem uma música antiga chamada "Nega do cabelo duro" que mostra direitinho porque eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beijos em vez de lábios, fomalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem elogiar a gente, dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme "prá" clarear, esticando os cabelos, virando "leidi" e ficando com vergonha de ser preta. (GONZALEZ, Lélia, 2018, p. 203)

Outro tema tratado foi o da iniciação sexual dos homens brancos com mulheres negras. Lélia Gonzalez cita que estava conversando com outras mulheres e surgiu o assunto sobre como os rapazes não tinham ereção na hora do sexo na noite de núpcias com suas lindas esposas brancas, mas era só necessário ele cheirar a roupa de uma "crioula" que logo ele "apresentava documento". Isso a fez pensar em como essa prática era recorrente na casa grande. Coisas assim são consideradas justificativas para chamar as negras de sujas.

Encerra-se esse tópico concluindo o pensamento de Lélia Gonzalez de que a mulher negra é, desde a escravidão, vista com uma dualidade: objeto sexual e objeto de trabalho. Ela foi e é explorada pelo su corpo e seu trabalho, é excluída do movimento feminista quando denuncia o racismo presente na sociedade, ela carrega em si as cicatrizes da escravidão e o peso de ser vista apenas como um objeto, ou é a mulata ou a mãe doméstica, ela muitas vezes é a responsável por manter a família, todo o peso da sociedade recai sobre seus ombros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer este trabalho, foi possível perceber que há um grande vazio na sociologia brasileira, no qual deveria existir uma ênfase nos estudos sobre a história do negro brasileiro e suas relações sociais. Nesse espaço, muitas vezes encontramos apenas interpretações vazias e desprovidas de fundamentos, vindas de pensadores brancos que carregam consigo um profundo racismo estrutural, que os impede de enxergar além da perspectiva sociológica branca. Clóvis Moura escreveu seu livro porque estava preocupado com o fato de que a vida do negro e suas interações com a sociedade, seu processo de desenvolvimento social, fossem constantemente analisados e interpretados por sociólogos que viam tudo através da lente da branquitude brasileira. Seu olhar marxista é crítico e analítico. Enquanto a sociologia negra não for estudada e escrita sob a perspectiva negra, não encontraremos, nem em livros de sociologia nem de história, a verdadeira narrativa da história dos negros desde o momento em que foram sequestrados da África e trazidos até aqui. Compreender que nossas relações raciais estão intrinsecamente ligadas às relações de opressão do sistema capitalista é um passo extremamente revolucionário.

Lélia Gonzalez estava interessada em analisar não apenas as relações sociais e raciais, mas, acima de tudo, as relações de opressão sexual que as mulheres negras enfrentam no Brasil. Nos movimentos feministas do Brasil, muitas vezes, tentaram silenciar a voz de Lélia, uma mulher que sempre lutou pelos direitos raciais, de gênero e de classes. Portanto, a escolha de explorar uma coletânea de textos e discursos dessa mulher notável, que hoje serve de base para vários movimentos feministas negros, é algo muito importante para um aluno de ciências humanas.

Ambos os autores possuem uma visão marxista em seus textos. Eles buscam interpretar as relações dos negros considerando suas relações econômicas e sua organização como um grupo em oposição a uma classe dominante que perdura desde os tempos da escravidão. Portanto, é correto afirmar, com base em minhas pesquisas e interpretações dos textos, que embora Karl Marx tenha escrito pouco sobre a escravidão negra, ele nos deixou uma base sólida para que outros grandes sociólogos e pensadores marxistas possam interpretar e buscar soluções para a opressão racial que os negros e pardos sofrem há séculos. As teorias marxistas continuarão a ser uma ferramenta valiosa para estudos futuros, e cabe a nós, como a próxima geração de pesquisadores, dar visibilidade e impulsionar o trabalho desses novos marxistas. Este trabalho tem como objetivo continuar a análise de como o movimento negro e os cidadãos negros têm sido uma força de resistência ao longo dos séculos.

"O trabalho de pele branca não pode se emancipar quando o trabalho de pele negra é marcado a ferro."
(MARX, Karl, 2011, p.257)

REFERÊNCIAS

ABANDONO paterno e o peso das mães solo. **Partido dos trabalhadores**, 2020. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/pt.org.br/abandono-paterno-e-o-peso-das-maes-solo/amp/>>. Acesso em: 10 outubro. 2023.

ALVES, Castro. **O navio negreiro e outros poemas**. São Paulo. 2019

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro. Zahar, 2020

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Rio de Janeiro. Filhos da África, 2018

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo. Expressão popular, 2008.

MARX, Karl. **O capital**. São Paulo. Boitempo, 2013

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**. São Paulo. Ciências Humanas, 1981.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo. Perspectiva, 2019

POLIETNICIDADE. **Wiki**. Disponível em: <<https://hmn.wiki/pt/Polyethnicity>>. Acesso em: 10 outubro. 2023.